



XXVIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS
SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2024

**PENSAR O CORPO-TERRITÓRIO DOCENTE ATRAVÉS DAS TRADIÇÕES
ORAIS NARRADAS POR MESTRAS NO INTERIOR DA BAHIA:
CONTRIBUIÇÕES PARA UMA PRÁTICA EDUCATIVA**

Pâmela dos Santos Porto¹; Eduardo Oliveira Miranda²;

1. Bolsista PIBIC/FAPESB, Graduanda em Letras com Língua Portuguesa, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: pamelaaporto@hotmail.com
2. Orientador, Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: eduardomiranda48@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Mestradas; tradição oral; prática educativa.

INTRODUÇÃO

A tradição oral em todas as suas facetas – cantigas, histórias, sons -, dispõem de funções principais, sendo: a preservação e resgate da ancestralidade de um povo. Em evidência, as memórias e histórias afro-brasileiras que são premeditadamente esquecidas – ou nem conhecidas – dentro da sociedade; assim como as religiões de matrizes africanas, sendo ainda foco de marginalização e repressão. Nas culturas africanas, a tradição oral é a grande guardiã; nelas, a própria vivência é considerada um movimento contínuo de educação para o coletivo. As histórias, nessa tradição, excedem o entendimento limitado que se tem sobre o ato de contar. Segundo Vanda Machado (2014), a Contação de histórias em muitos lugares na África, integram a educação da criança antes mesmo que ela vá à escola; ou seja, os mitos, contos e histórias também fornecem conhecimentos vivos sobre sua comunidade e ancestralidade, fomentando a valorização e sintonia com as raízes que as rodeiam. Contudo, as narrativas orais e suas ricas contribuições, estão à parte das práticas educativas e das vivências pedagógicas. É importante que haja a sintonia entre a tradição oral e a educação formal. E foi neste sentido que desenvolvemos este plano de trabalho, buscando correlacionar as narrativas orais coletadas em terreiros do interior da Bahia – em pesquisas anteriores – com o olhar dum futuro corpo-território docente para pensar a prática educativa. Constituída pelas ações de pesquisa do projeto *Cacimba de histórias: vidas e saberes dos contadores de histórias tradicionais de cidades do interior da Bahia* que integra a Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS); a

Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB); e a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). O subsídio teórico-metodológico seampa, principalmente, nas concepções de Hampaté Bâ (2010) quanto a tradição oral em comunidades africanas; de Miranda (2020), para pensarmos o Corpo-Território Decolonial no espaço escolar/acadêmico, e de Machado (2014) para adentrarmos nos mitos afro-brasileiros e suas aplicações na prática educativa. Neste caminho, trabalhamos através da Entrevista Narrativa, para escutarmos e conhecermos a história de vida e as tradições orais. As ações resultaram na observação e registro das narrativas autobiográficas das Mestras entrevistadas, na dimensão que a cultura e religião de matriz africana atravessam a coletividade e a educação.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

Utilizando como base a metodologia qualitativa, a pesquisa se desenvolveu através de métodos bibliográficos e etnográficos, considerando como foco as narrativas orais. Antecedendo a ida ao campo, construímos uma rede de recursos para obtenção de dados, sendo a pesquisa bibliográfica de materiais dos seguintes teóricos: MACHADO (2014), MIRANDA (2020), SODRÉ (2002) e LUZ (2013); levantando dados com a pesquisa etnográfica em campo, com observação direta das ações da Mestra, através da Entrevista Narrativa semiestruturada coletivamente.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

Partindo da hipótese de que as memórias e histórias de mestras da tradição de terreiros do Portal do Sertão, situadas no município de Feira de Santana/BA, preservam nascentes do conhecimento nas narrativas tradicionais; podemos destacar conteúdos observados, até então, na história de vida da Mestra a qual integrou nossa pesquisa, Mãe Maricélia. Buscou-se aqui, além do realce às memórias, métodos possíveis para possibilitar o intercâmbio de saberes, estabelecendo diálogos com o material produzido no plano de trabalho antecedente a este, Pensemos: Como esses saberes nos atravessam, enquanto pesquisadores-educadores? O que há em comum nas narrativas destas mulheres negras e sacerdotisas? O que estes Corpos-territórios nos dizem e nos ensinam?

Conseguimos efetivar a continuidade na organização de informações coletadas em histórias de tradição oral advinda de terreiros para atualizar o repertório de contos narrados e compartilhá-los com a sociedade através do site público do Grupo de Estudos e Pesquisas em Poéticas Orais (GEPO). Assim, do resgate às histórias contadas por

mestras de terreiros para valorização desta cultura, contribuímos para o andamento da pesquisa interinstitucional tanto nas ações em campo, como nos processos de produção acadêmica, envolvendo a participação em eventos relacionados à área de educação para divulgação da pesquisa e produção de artigo científico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

O presente trabalho desenvolvido, inspirou-nos a buscar diversos outros pontos aplicados a prática educativa envolvendo a cultura de matriz africana. Objetivou-se durante o desdobrar-se desse estudo colaborar com a preservação desses contos para transmissão do conhecimento, além de evidenciar a potencialidade da herança ancestral, cultural e as vivências dessas mestras para a educação formal de gerações mais jovens. Inicialmente, tínhamos o objetivo principal de coletar as histórias e resguardá-las; no entanto, as vivências no terreiro, aprofundamentos teóricos e formações, fizeram com que pensemos também o espaço enquanto criador de comunidade; a docência; o corpo; a mulher negra..., que em conexão com a ancestralidade narrada nos traçam caminhos possíveis para pensarmos nas perspectivas sociais, espirituais e contemporâneas. Presumimos que as narrativas são/foram propícias para fortalecer e elaborar caminhos possíveis a fim de romper o silêncio; o silenciamento da cultura de origem africana, este que é derivado das estruturas racistas e eurocêntricas, as quais persuadem amiudadamente as concepções das mulheres negras sacerdotisas nos espaços constituídos academicamente. Desmistificando o poder e homogeneização de histórias-outras, alavancando a pluralidade de diferentes histórias e culturas à margem no âmbito educacional.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, D.; MOURA, B. M. Dos terreiros à academia: mulheres de axé, saberes tradicionais e letramento acadêmico. *Revista Calundu*, Brasília, vol. 4, n.1. p. 1-5, jan./jun./. 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistacalundu/article/view/32234>. Acesso em: 12 ago. 2023.
- LUZ, N. P. C. *É preciso africanizar a universidade*. In: DE MENEZES, F. M. Jaci; SANTANA, C. Elizabete; AQUINO, S. Maria do. Educação, região e territórios: formas de inclusão e exclusão. Salvador: EDUFBA, 2013.
- MACHADO, Vanda. *Mitos afro-brasileiros e vivências educacionais*. Biblioteca digital clam, 2014. Disponível em: <http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/detalhes.asp?cod_dados=138>. Acesso em: 12 ago. 2024.

MIRANDA, E. O. *Corpo-território & educação decolonial: proposições afro-brasileiras na invenção da docência*. Salvador: EDUFBA, 2020.

SILVA, T. L. A.; SILVA DA, W. C. Mulher negra e candomblecista: a potência gestora de mãe floripedes. *Revista Calundu*, Brasília, vol. 4, n.1, p. 55-71, jan./jun. 2020.

Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistacalundu/article/view/30711>.

Acesso em: 12 ago. 2024.

SODRÉ, M. *O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira*. 1º Edição. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2002.